

COORDENAÇÃO
Samuel Dimas | Renato Epifânio | Luís Lóia

REDEÇÃO E ESCATOLOGIA

Estudos de Filosofia, Religião, Literatura
e Arte na Cultura Portuguesa

Vol. III – Tomo 1



Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT –
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito
do projeto UID/FIL/00701/2016

Título Redenção e Escatologia.
Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na
Cultura Portuguesa – VOL. III – Idade Contemporânea – TOMO 1
Coordenação Samuel Dimas | Renato Epifânio | Luís Lóia
Coleção Investigação

© Universidade Católica Editora

Capa Ana Luísa Bolsa | 4 Elementos
Imagem da capa *Expulsão do Paraíso*, desenho inciso sobre mármore,
da autoria de Almada Negreiros – Fachada da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (arquiteto Porfírio Pardal Monteiro)

Paginação Magda M. Coelho | acentográfico
Impressão e Acabamento Europress – Indústria Gráfica
Depósito Legal 458040/19
Tiragem 150 exemplares
Data Julho 2019

ISBN 9789725406519

Universidade Católica Editora
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020 | Fax. (351) 217 214 029
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



REDENÇÃO E ESCATOLOGIA

Redenção e escatologia : estudos de filosofia, religião, literatura e arte na cultura portuguesa / coord. [de] Samuel Dimas, Renato Epifânio, Luís Lóia. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2015-2019. – Vol. 1/1 : Idade média. – 2015. – 430 p. – Vol. 1/2 : Idade média. – 2015. – 334 p. – Vol. 2/1 : Idade moderna. – 2017. – 544 p. – Vol. 2/2 : Idade moderna. – 2018. – 606 p. – Vol. 3: Idade contemporânea. – 2019. – 640 p. – ISBN 9789725406519 I – DIMAS, Samuel, coord. II – EPIFÂNIO, Renato, coord. III – LÓIA, Luís, coord. IV – Col.

CDU 215

1(469)
2(469)
236
232.3
7(469)

3.4. Domingos Tarrozo: Espírito e Deus na evolução da existência

Artur Manso

3.4.1. Filosofia positiva e positivismo

Domingos Tarrozo (1860-1933) publicou aos vinte e um anos, em 1881, o pequeno ensaio que intitulou *Filosofia da existência. Esboço sintético de uma filosofia nova*¹⁸⁹, onde se propôs apresentar uma «Filosofia original, nova, – definitiva ou positiva, – mas não *positivista*»¹⁹⁰. E do seu ponto de vista assim foi, já que tendo falecido em 1933, cinquenta e dois anos passados, não consta que tivesse continuado a sua tarefa, mesmo que tenha anunciado completar a investigação com a publicação de um outro volume. Contudo, uma ou outra vez voltou ao assunto e em um ensaio editado alguns anos depois, onde criticou o ensino oficial em Portugal escreve:

Tem dois séculos de velhice e reumatismos a filosofia oficial portuguesa. É o decrépito espiritualismo de Descartes piorado por uma exposição confusa, vã, sem ideias, sem senso comum.¹⁹¹

Mesmo sendo verdade que em Portugal a investigação filosófica fosse muito má, com uma tradição de cerca de vinte e quatro séculos de filosofia, estando ela sempre inconclusa, seria presunção a mais pretender, definitivamente, resolver o seu problema. Neste texto tentarei elencar o que da sua especulação é essencial para uma filosofia da religião, uma vez que qualquer sistema filosófico deve contemplar uma teoria do conhecimento, uma antropologia e uma ontologia/metafísica.

É verdade que Tarrozo se revela crente, mas acompanha os portugueses não crentes, ateus ou agnósticos do século XX que exibiam uma espiritualidade laica e aqui sim, vanguardista desta corrente tão em voga desde finais do século XIX. Ele próprio, depreciativa e ironicamente, afirma só ter sido «positivista enquanto via pouco, sabendo sobre os problemas da filosofia apenas tanto como Augusto Comte»¹⁹². Em seu entender, o positivismo asentava num lapso de lógica que reside em tomar como verdadeiro e definido o que ainda não tem decisão, ou seja, «1º se as ideias que possuímos daquilo que julgamos conhecer são ou não *positivas* ou *definitivas*; 2º se

¹⁸⁹ Edição utilizada: Domingos Tarrozo, *Filosofia da existência. Esboço sintético de uma filosofia nova*, Porto, Estratégias Criativas, 2008.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. III.

¹⁹¹ *Idem*, *O monopólio da ciência oficial: discussão d'um problema político*, sl, Biblioteca Moderna, 1888, pp. 135-136.

¹⁹² *Idem*, *Filosofia da existência...*, p. II.

o ainda *desconhecido* é ou não é *incognoscível*¹⁹³. Positivo como esclarece Comte (1798-1857) é tudo o que se opõe ao necessário e ao eterno, e apenas se interessa pelo facto, pelas leis da ciência, pondo de lado o abstrato e o transcendente, desejando apenas que a filosofia se fundamente no método científico, deixando de se enredar com as questões do ser e da substância, sendo estas entendidas como meros conceitos abstratos. A sua reflexão deve incidir sobre aquilo que as coisas efetivamente são e não na causa que as originou, propondo, também, uma religião positiva que assente no culto da Humanidade. Este é o positivismo que Tarrozo tinha presente ao elaborar a sua filosofia. A evolução para a exclusiva consideração do conhecimento empírico que o transformou numa análise lógica de conceitos, proposições e argumentos assentes na linguagem quotidiana, o designado positivismo lógico, ainda demoraria algum tempo a ganhar forma e a influenciar a filosofia e o seu ensino como acontece na atualidade.

Em seu entender, qualquer espírito esclarecido não podia deixar de admitir:

Que qualquer filosofia é uma religião e qualquer religião uma inferior filosofia, representando o espírito das primeiras idades do homem [...]. Uma e outra têm unicamente por objectivo Probabilidades e Crenças, de onde falsa e violentamente se hão arrancado umas ideias estéreis, fictícias, de lenitivo à dor.¹⁹⁴

Se a resolução destes problemas fosse fácil, não andaria tanta gente durante milénios à procura da melhor forma de os solucionar. Ele mesmo não foge a essa complexidade ao acrescentar que aquilo que separa as boas e as más filosofias é que os seus proponentes ou fazem um jogo de palavras mais ou menos refletido, ou então os sistemas são constituídos por pensadores que exercem a crítica e baseiam as suas deduções na razão à media que lançam mão do método científico:

Os outros, os das filosofias-religiões, das instituições dogmáticas, são puros alucinados pelo misticismo da ignorância que julgam haver escutado [...]. Os primeiros induzem partindo de factos observados. Os segundos deduzem apoiando-se na própria alucinação.¹⁹⁵

Tamanha confusão conceptual grassava, em seu entender, tanto na filosofia quanto na religião. A verdade é que também ele pouco nos disse daqueles que considerava serem os grandes sistemas de filosofia:

¹⁹³ *Ibidem*, p. XXVI.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 5.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 6.

A mais verdadeira de todas as filosofias será pois aquela que, perfeitamente racional, resolver as dificuldades do desconhecido mais naturalmente e com maior número das mais decisivas probabilidades.¹⁹⁶

Afirmar apenas que a filosofia é invadida por formas de proceder que lhe são estranhas nada justifica da complexidade das problemáticas que trata. Apercebendo-se da dificuldade de solidificar o conhecimento filosófico em bases sólidas, tratou, então, de definir o seu conceito de Filosofia que, queira ou não queira, se confunde com as premissas em que a tradição a fundamenta:

A filosofia é a ciência geral que partindo daquilo que é, atinge a concepção daquilo que foi e daquilo que deve ser, interpretando superiormente a evolução total da Existência [...] ciência das ciências, a expressão que sintetiza as trabalhosas construções da ideia em conjunto solidário com os labores pacientes da ciência experimental.¹⁹⁷

Dado que a filosofia é uma construção humana, está originalmente ligada à experiência e beneficia nas suas indagações dos dados que a ciência experimental lhe vai facultando. Como o conhecimento científico no seu tempo em grande parte já se tinha autonomizado, estando, portanto, o progresso das ciências experimentais associado à evolução da filosofia e vice-versa, então, há uma relação direta entre os dados da ciência e a especulação filosófica, pois ela sempre foi uma tentativa de compreender o que deve ser com o recurso ao que já é. Por outro lado, desde a sua afirmação como ciência, a filosofia engloba todas as formas de conhecer. O progresso e a necessidade de emancipação dos conhecimentos a ele associados fizeram que o tradicional saber filosófico se dispersasse num arquipélago de novos saberes com métodos de pesquisa que a filosofia não suporta. No ponto de partida concorda com os positivistas e materialistas na origem da discussão filosófica, mas nos procedimentos e elucidação dos conceitos que marcam a sua história, nada têm em comum afirmando mesmo que positivistas e materialistas continuam a laborar em erro quando colocam qualquer sistema metafísico fora do campo da experiência:

À parte ser mais ou menos científica, mais ou menos experimental, nunca houve, não há nem pode haver uma filosofia que não parta da experiência [...]. Não há diversas filosofias total e absolutamente diferentes, – como pensa a escola comteana, – mas sim uma única

¹⁹⁶ *Ibidem.*

¹⁹⁷ *Ibidem.*

propriamente dita, aquela que todos os pensadores como tal contemplam, porque, quem o contestará? – a Filosofia é uma só.¹⁹⁸

Portanto, nada de novo, ainda que Tarrozo labore no erro de confundir experimental com experiência. É verdade que a filosofia enquanto construção humana parte da experiência daqueles que a propõem, mas nem todos os sistemas admitem ou consentem que os dados com que trabalham sejam apenas os que se podem experienciar com o recurso ao método científico. Os elementos da experimentação têm que se confirmar ou recusar com a submissão dos postulados à objetivação das deduções. Mas a experiência é diversa da experimentação pois apenas uma parte dela é objetiva e daquela que é pessoal e subjetiva, também se podem extrair princípios válidos. O caminho das ciências é unilateral enquanto o da filosofia é multilateral como díspares são os sistemas filosóficos criados pelos homens os quais representam um modo de entender a realidade e o seu devir.

O seu pensamento diverge, portanto, do cientismo positivista e do materialismo e torna-se próximo do realismo aristotélico e do criticismo kantiano uma vez que procura conciliar a separação matéria espírito operada por estas propostas filosóficas que no seu tempo se afirmavam de vanguarda, recorrendo ao realismo aristotélico que tentou amenizar a separação total entre o real e o ideal protagonizada por Platão e ao criticismo kantiano que face aos extremos protagonizados por racionalistas e empiristas, mostrou que ambos representavam apenas uma parte do problema e só a síntese das duas propostas prestaria um verdadeiro serviço ao carácter universal da filosofia. Na abordagem da transcendência, poder-se-á ver nas asserções de Tarrozo um evolucionismo monista, uma vez que como veremos, para si a realidade é um todo. Como apontou Cândido Pimentel, na sua filosofia «A metafísica e a experiência colhem respetivo fundamento na razão e na ciência, cabendo à filosofia a missão de a ambas especulamente unir num corpo viável»¹⁹⁹. Ou seja, qualquer dado da experiência deve ser objeto de trabalho da razão. Já antes, Amorim de Carvalho referia que Tarrozo tentou sistematizar a sua ideia de metafísica e:

conseguiu-o com uma síntese, ou antes, um sincretismo das noções científicas e idealistas da época, por vezes confusamente: umas vezes diz que no princípio era o Espaço; outras, que o Espaço surgiu, como o Tempo, depois de os preátomos se agregarem em átomos e moléculas, com movimento [...]. Que a palavra *Existência*, no título do livro de Tarrozo, não induza no erro de qualquer percursora com o moderno *existencialismo*. Aquela palavra tem o sentido

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 9.

¹⁹⁹ Manuel Cândido Pimentel, «Domingos Tarrozo: uma visão monista da existência»..., p. 160.

(ontologicamente ampliado das 'existências' comteanas) de 'tudo o que existe, existiu e existirá', e não o sentido de ser individual, concreto e subjectivo do existencialismo.²⁰⁰

Alguns anos depois da publicação do referido ensaio, Tarrozo esclarecia o conteúdo da filosofia que vinha propondo e qual o método que melhor serviria as novas exigências:

A filosofia moderna, a filosofia científica deste século, é e só pode ser feita assim. O filósofo toma todos os grandes factos e todas as leis das ciências físicas, naturais e sociais. Munido com isso, que é a matéria prima da sua obra, vê e descobre, por cima dessas leis de cada ciência particular, outros princípios mais largos e gerais que explicam e dão a razão de ser a todas as outras leis. Esses princípios superiores, muitas vezes subordinados a uma só e grande ideia, são a Filosofia.²⁰¹

De certo modo Tarrozo inverte a metodologia associada à investigação filosófica querendo que esta parta sempre dos factos passíveis de serem experimentados e chegue a um saber que harmonize o conhecimento provado pela experiência e transformado em lei científica. A filosofia não deve prescrever *à priori* qualquer limite ao esforço científico porque o seu papel é fazer com que os saberes dispersos contribuam para um mesmo fim: o progresso humano e a compreensão cada vez mais satisfatória da existência. E por isso deixa em forma poética um repto às novas gerações:

À mesa do trabalho, em luta noite e dia,
lidando sem cansar, de coração atento,
rasgai as velhas leis e a velha teocracia,
defendei a razão e o novo pensamento.²⁰²

3.4.2. Essência e Existência

Domingos Tarrozo neste campo que é crucial para perceber a condição do ser humano, embrenhado mais uma vez num discurso pouco claro, disserta sobre o sentido e significado da vida humana. A sua opção pelo essencialismo marcará o seu pensamento, afirmando de forma lapidar: «a verdade é que a alma do homem superior, –, vibrante, apaixonada, enérgica, – não se faz, não se educa: – nasce feita»²⁰³. Para que não reste qualquer dúvida, o conceito usado não é inteligência, capacidade, ou outro que tal, mas sim o

²⁰⁰ Amorim de Carvalho, *O positivismo metafísico de Sampaio Bruno*, 2.^a ed., p. 201.

²⁰¹ Domingos Tarrozo, *O monopólio da ciência oficial...*, p. 134.

²⁰² *Idem*, *A geração nova*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira, 1897, p. 11.

²⁰³ *Idem*, *O monopólio da ciência oficial...*, p. 103.

termo religioso e espiritual Alma. Este predeterminismo marcará a condição de cada ente, de cada indivíduo, em relação ao ser que o originou e do qual se afastou, pagando no espaço de tempo em que existe, um preço elevado: a ignorância da sua condição e o uso arbitrário do mal que enforma a criação. Em plena consonância com a tradição bíblica, acantonado à herança do antigo Testamento e acompanhando os relatos de alguns pensadores existencialistas acrescenta que presa ao impossível, perdida na dúvida:

a humanidade assim se ostenta lúgubre, erguendo-se e caminhando caudalosamente para a voragem do túmulo, do nada, como um grande oceano que se forma refervendo convulsivo e rápido se esvai [...]. Intellectualmente a nossa existência é a Dor. Fisicamente a nossa vida é o mal.²⁰⁴

Para Tarrozo o homem, cada indivíduo, não pode ser examinado apenas e só em confronto com o divino, numa dualidade de reino terrestre e reino celeste, imanência e transcendência. Exige por isso que se indague sobre o significado e valor da vida uma vez que a imensidão do universo colide com a insignificância do Homem que, consciente dessa incomensurável distância, sente uma real angústia por todo o seu esforço criador não mitigar o desconhecimento da sua situação. O homem julga poder dominar a natureza, mas esta arranja sempre forma de escapar aos seus triunfos circunstanciais. Contudo, não podendo negar a nossa condição de sofredores, também não a devemos subsumir ao poder arbitrário de um deus criador e castigador:

A vida do homem, no monstruoso combate da matéria, não sendo mais que o lapso de um aflitivo sonho, cada indivíduo, atingida a idade da reflexão, deverá considerar-se como o centro e a razão de ser de todas as coisas, e ver que no mundo impera o Mal que vem espelhar-se nele. Olha, e sobressaltadamente se convence que a sua vida, em face da colossal natureza, não tem mais duração nem importância que a momentânea existência da triste mariposa que os mesmos raios do sol viram nascer, reproduzir-se e morrer.²⁰⁵

Deste enunciado resulta que se por um lado, a existência impele constantemente o homem para a sua capacidade de superação em relação ao que lhe acontece, por outro lado, contraditoriamente, há uma espécie de rendição ao carácter sofredor da vida que nos acompanha desde sempre. Tarrozo reflete o mal mas não acompanha os seus contemporâneos no discurso filosófico acerca da sua natureza e finalidade, entendendo-o apenas na sua dimensão existencial, como referente da ação humana. Não o encara como problema

²⁰⁴ Cf. *idem*, *Filosofia da existência...*, p. 3.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 4.

mas co
sem o
castig
na e c
à perf

Se
pelo c
Tarro
os inc
tando
retorn

Est
que n
como
prece
o ma
da in
pois
neces
e ao s
que s
super
no, r

mas como mistério que leva o homem a interrogar-se sobre si e o seu destino, sem o atribuir, nem a uma cisão que supostamente inicia a criação, nem a um castigo derivado da vontade divina, nem ao resultado da imperfeição humana e catalisador do retornismo ascendente do indivíduo à unidade perdida, à perfeição:

Viver é lutar pela existência e toda a luta é o sofrimento [...] a grilheta da Dor, penosa de arrastar como a cruz legendária de Cristo, faz-nos parecer mais que o longo instante fugaz em que existimos. Ilusão! [...]. Nós não vivemos. Erguemo-nos para logo, súbito, cairmos como ébrios, eternamente sepultos.²⁰⁶

Se o positivismo evolucionista pregava um novo mundo proporcionado pelo desenvolvimento que a ciência alcançava, tal facto, sendo relevante para Tarrozo na afirmação da evolução, a nível existencial pouco acrescenta, pois os indivíduos continuam incapazes de se compreender a si mesmos, aumentando-lhes, com o progresso, a angústia e a sensação de vazio, do nada, e retornar a esse nada é voltar à nossa condição original de existentes:

Diante dos clarões da ciência, vimos fugir completamente perdida a acalentada crença e que, depois da morte, ainda iríamos, substanciados numa alma, viver num lugar de delícias com todas as pessoas que conhecemos e amamos, com toda a humanidade extinta. Triste alucinação! E agora, depois dela caída, o que subsistiria senão a compreensão do mal?²⁰⁷

Este é um preceito mais teológico que filosófico que instala a angústia do que nos irá acontecer após a morte. A vida plena é apresentada nas religiões como o corolário de um percurso que decorre na observação estrita dos seus preceitos e como os homens, pela sua natureza não os conseguem observar, o mal prevalece e a salvação torna-se uma quimera. As ações humanas são da inteira responsabilidade de cada um e tamanho poder não é consolador, pois à medida que resolve umas dificuldades outras se lhe colocam, permanecendo tão estranho como sempre esteve quanto à sua origem, ao seu papel e ao seu destino. Vem não sabe de onde e vai não sabe para onde, e o destino que se confunde com o nada é a causa da sua maior angústia: o Homem é superior a tudo o resto, mas inferior à causa da sua existência e do seu destino, mesmo que se reconheça com uma finalidade distinta no todo a matéria:

O homem, todo o seu organismo é um instrumento instintiva e idoneamente constituído, como todos os seres vivos, para produzir

²⁰⁶ *Ibidem.*

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 5.

a *força*, isto é, para produzir a eletricidade orgânica que difere o bastante para separá-las da eletricidade mais grosseira e rude a que temos chamado *inorgânica*.²⁰⁸

Esse lugar de igualdade do homem em relação a outros existentes que juntos caminham para a unidade pressentida, acaba por não ser bem explicado por Tarrozo. Bastaria a sua reflexão sobre a angústia para se estabelecer o lugar central do homem no seu pensamento que na tentativa de explicação da realidade, mostra ser o único capaz de proceder à criação e transformação. A consciência da sua mortalidade leva-o, ainda, a subterfúgios para a iludir e para isso recorre à capacidade de criar literatura, poesia, arte, ciência, filosofia.

No entender de Pinharanda Gomes, Tarrozo apresenta-nos um «sistema atomístico, naturalista e evolutivo [...] filosofia da existência e não existencialista, síntese do conhecimento científico»²⁰⁹ que é sempre produto inacabado de um ser humano. Também para Pimentel:

A óptica de fundamentação gnosiológica de Tarrozo é empirista, mas porque o seu empirismo inflecte para a afirmativa de que a classificação das ciências – das matemáticas e química à sociologia – nada mais é do que a constatação dos quadros que a evolução fixou para a matéria e a vida, esse empirismo será, por intrínseca vocação, metafísico, largamente sustentado num monismo evolucionista, para o qual as leis da matéria e as leis do pensamento, saídas de comum origem, correm paralelamente. Mas para onde? Para a morte dos mundos. Para a combustão apocalíptica. Para o inconsciente.²¹⁰

3.4.3. Matéria e Espírito

Em *A poesia filosófica. Poemas modernos*, obra publicada em 1883, Tarrozo em forma poética de estrutura um tanto ou quanto desorganizada, propôs-se apresentar um *programa sobre renovação científica das literaturas*. Nos vários poemas e textos poéticos que aí insere elogia a obra de figuras ligadas ao progresso das ciências como Giordano Bruno, Galileu, Newton, Lamark, Proudhon, lado a lado com a elevação do amor, das religiões, do panteísmo, do misticismo, da filosofia, da humanidade, o que revela a sua preocupação de entender em conjunto o fundamento para aquilo que sempre existiu e

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 35.

²⁰⁹ Pinharanda Gomes, «Domingos Tarrozo materialista?», in *Filologia e filosofia*, Braga, Pax Ed, 1966, pp. 119-122.

²¹⁰ Manuel Cândido Pimentel, «Domingos Tarrozo: uma visão monista da existência»..., p. 167.

se foi aperfeiçoando, em pleno respeito da sua essência, de acordo com os progressos da ciência²¹¹.

A matéria para Tarrozo é uma mas só se compreende com a colaboração de diversas ciências: matemática; química; física; astronomia; biologia; zoopsicologia/zoosociologia; antropologia/psicologia; sociologia, aparecendo a filosofia como o garante da unidade que se almeja e a todas enlaça. A reflexão sobre a matéria e o lugar das ciências na intelecção do mundo, é a tarefa essencial da especulação do pensador limiano. Porventura para fazer derivar as ciências de um princípio primeiro, de uma causa não causada, acompanhando o espírito do tempo, coloca no seu sistema a matemática, a química e a física, ao lado de outras ciências, garantindo, assim, o rigor objetivo da especulação filosófica, fazendo sobressair a matéria em relação ao espírito:

A classificação das ciências tem sido comprimida nos moldes estreitos das coisas do homem, que procurou essa classificação em si mesmo ou na sua própria história, sem pressentir que ela se mostrava escrita, desde todos os tempos, na constituição natural da matéria.²¹²

O arranjo é outro, mas o conhecimento das ciências aqui destacadas mantém-se desde sempre e dá testemunho da:

inteligência humana, em marcha através dos séculos, subdividindo a ciência geral (cosmologia) em diversas ramificações não criou, não inventou, não fez espontaneamente nada por si mesma: adaptou-se às prescrições que a natureza lhe impunha, aos quadros irrevogáveis que encontrou diante de si.²¹³

Os positivistas primavam pelo reducionismo científico e Tarrozo, agora, avança para uma classificação que deseja ser verdadeiramente positiva. Cada ciência após garantir a autonomia dos conhecimentos que propõe, depois de estabelecer um objeto e um método de trabalho próprio, é tão importante como qualquer outra, dando um contributo único à explicação do mundo, procedimento que ao tempo se ia tornando consensual. O positivismo comteano ia sendo revisto e para si a eternidade do mundo era um dado concreto:

²¹¹ Cf. Domingos Tarrozo, *A poesia philosophica. Poemas modernos, s/l*, Bibliotheca do Norte – editora, 1883.

²¹² *Idem, Filosofia da existência...*, p. 11.

²¹³ *Ibidem*, p. 16.

Os mundos existiram desde sempre são anteriores à alienação dos preátomos [...] Solidariedade indefinida dos mundos que viverão no tempo e no espaço sustentando-se pelo só poder das forças naturais.²¹⁴

O sobressalto que provocou o aparecimento daquilo que existe pela dispersão dos preátomos que originou a pluralidade informe da matéria, necessita sempre de um quadro interpretativo que considere em conjunto o sujeito e o objeto, o objetivo e o subjetivo, uma vez que no início tudo era Um e a cisão ante a declarada oposição interroga-nos incessantemente sobre o que existe, aquilo que tem suporte real e o que apenas se sustenta no ideário de uma crença subjetiva. Para si o espírito existe e a matéria também, competindo uma e outra, par a par, caminhar para o mesmo fim. Nesta marcha, as ciências exatas têm um valor supletivo pois sem a compreensão dos dados que elas nos facultam, a matéria não será capaz de se organizar para o tão desejado retorno à substância original:

Por em dúvida ou contestar a realidade do espírito ou do mundo exterior, ou mesmo de ambos, é não só contradizer forçadamente a consciência, mas também afirmar, – nos dois últimos casos mormente, – a impossibilidade de toda a ciência [...]. Não o faremos nós [...] contemplando como uma realidade o *eu* e a natureza.²¹⁵

No estabelecimento do momento em que surge o mundo, recalcando o mito da criação do Génesis de forma a esclarecer o seu ponto de vista, refere que o início de tudo se encontra naquilo que era em si e por si mesmo: a substância elétrica. O sobressalto, portanto, o momento em que a unidade se cindiu deveu-se a uma força elétrica que por motivos imprecisos se manifestou originando a matéria: «um acto de vontade supõe uma inteligência, um ser que aspira logo a *Substância-Força*, essa matéria elétrica indistinta, era ao mesmo tempo um pensamento imenso, isto é, uma *Substância-Pensamento*»²¹⁶.

Ou seja, essa matéria dependia da vontade do criador que a acolhia no seu todo:

Não tem aqui qualquer valor a objecção de que o inferior, – a matéria inorgânica, – não pode produzir o superior, a vida. Os átomos da matéria inorgânica realizando combinações mais complexas, superiores, atingiram transformando-se – mas não fazendo surgir nada de novo *ex niilo*, – atingiram pela sua mútua união um estado superior

²¹⁴ *Ibidem*, p. 104.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 20.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 29.

e assim continuaram a ascender numa transformação progressiva, a aperfeiçoar-se.²¹⁷

Após a criação, naquilo que se seguiu à fragmentação da substância primeira, tudo o que vier a suceder-lhe ser-lhe-á inferior e nesse aspeto, a vida propriamente dita, está no mesmo rol. Origina-se por necessidade de regresso e não para se manifestar como superior às restantes parcelas resultantes da cisão:

A eletricidade orgânica é a força, o *pensamento*, e como esse *pensamento* é necessariamente alguma coisa, ele é a Substância-Pensamento que tendo-se individualizado condensada no preátomo, volta a fazer-se, volvendo enfim à origem, ao seu primeiro estado.²¹⁸

Tarrozo apresenta-nos uma ideia de criação cujo objetivo desde o primeiro instante é voltar ao criador, onde a existência se revela como o esforço incessante de reconstruir a unidade perdida. Não fala em aperfeiçoamento, apenas em necessidade ontológica de encontrar o caminho de regresso:

A matéria criando nos seres animados um aparelho que produzisse a Substância-Pensamento, criando neles um engenhoso tubo que transforma e conduz o *criado* para o *não-criado*, o ponderável para o imponderável, a Substância-Pensamento do organismo efémero para a Substância-Pensamento eterna, pela dissolução pura dos preátomos, e conseguindo enfim libertar-se de uma situação comprimida, violentada, insuportável, que tal era a da sua condensação, volve serena, gradual e proporcionalmente a incorporar-se na Substância-Eterna, una, amorfa, realizando a sua eminente aspiração instintiva, o seu querer irrevogável.²¹⁹

Não resta qualquer dúvida que em Tarrozo pese embora o mistério que rodeia o momento inicial da criação, esta foi um facto e coincide com a passagem da realidade una à matéria indistinta. No momento da diferenciação, surge uma entidade que se destaca da restante realidade, o Homem, que passa a ser a peça central na existência, o único capaz de perscrutar a ideia de Deus e atribuir múltiplas configurações ao real, mesmo sendo o ente mais desprotegido da natureza:

os preátomos têm uma volição, um pensamento confuso e infuso, inconsciente, e eles foram necessariamente criados ... *ex nil* ...

²¹⁷ *Ibidem*, p. 35.

²¹⁸ *Ibidem*, pp. 35-36.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 36.

testemunhas indeléveis pregoando a existência inalienável de numa monstruosa Substância-Pensamento que os precedeu e lhes deu origem [...]. A ideia de um tempo eterno que não começou, que não teve princípio é absurda [...]. A Causa Primeira é a *Existência* que criando de si os preátomos originou o aparecimento de tudo [...]. O átomo *não sujeito ao tempo, anterior ao tempo, eterno*, é uma coisa inadmissível.²²⁰

O mundo ao contrário do que ensina o materialismo não é matéria, pois esta embora possa ser definida como sua parte constitutiva não se originou a si mesma nem prevalecerá pela eternidade. O que se conhece é um atributo da Existência, ou Substância-Pensamento e se o que existe teve uma origem, caminhará naturalmente para um fim que corresponde à dissolução da matéria no Ser que a causou:

Desta aspiração da Existência, surgida na eterna noite do seu ser, desta dúbida e confusa aspiração a distinguir-se, a separar-se de si própria, a reagir sobre si mesma, a viver e ascender por si e de si, é que devia ter surgido a separação, condensação ou criação dos preátomos.²²¹

3.4.4. Deus

Sobre a questão de Deus, o seu contemporâneo e pantiteísta Cunha Seixas (1836-1895) manteve com as suas ideias ao longo de quarenta e seis artigos publicados no *Comércio de Portugal* uma troca de argumentos bastante crítica. Seixas considerava que o pensamento de Tarrozo gravitava entre o positivismo e o espiritualismo metafísico e ele, por seu lado, recusava quer a sujeição da razão à experiência, quer a vulgarização do método experimental a todos os recortes do saber. Os argumentos de Seixas não o demoveram e continuou a recusar o epíteto de panteísta, pois para o panteísmo tudo era Deus e para ele a matéria não se identifica com a Substância-Pensamento, mesmo que Deus esteja contido e exista nela. O seu sistema evolutivo assentava na tríade: preátomo – consciência humana – Deus, exatamente por esta ordem:

Se a unidade da matéria nos conduz ao *monismo*, esse monismo não pode ser materialista. Esta escola filosófica instituindo uma matéria-Deus eternamente activa e capaz de produzir a ideia, deixaria de ser ateísta, a não ser a sua negação de que não há uma inteligência universal enormemente superior à do homem.²²²

²²⁰ *Ibidem*, pp. 46-47.

²²¹ *Ibidem*, p. 48.

²²² *Ibidem*, p. 68

Quer se chame Deus ou causa primeira, motor imóvel ou causa não causada, o efeito será o mesmo:

Embora nós apoiemos o materialismo pela sua justa consideração que tributa à matéria e suas evoluções, contudo a não eternidade dos átomos, o facto de que deviam ser criados por uma substância una, indivisível, e possuem uma inteligência mínima que principalmente desabrocha no pensamento humano, inteligência que para lhes ser dada devia já existir antecedentemente na substância que os criou, os condensou, tudo isto, todos estes factos de admissão inevitável, vem, a nosso ver, prejudicar pela base a concepção genuinamente materialista ou ateuista sobre o universo, sobre a Existência.²²³

Tarrozo considera primordial não o que subsiste após a cisão inicial, mas aquilo que está na sua origem. O progresso é fruto do trabalho evolutivo das ciências que aparecem após a fragmentação inicial e se impõem pela sua dimensão física, mas como a razão do seu começo e finalidade lhes é estranha, não está na sua dependência, o materialismo cai por terra. Na totalidade da existência o homem partilha a mesma natureza que a Substância-Pensamento:

Quanto maior é quantitativamente a *substância-pensamento*, maior e mais prodigioso é o seu poder [...]. Aquilo que até aqui, referindo-nos ao homem e aos seres vivos, temos chamado *substância-pensamento*, como sendo criada por esses organismos, é exactamente a mesma coisa a que costuma chamar-se a ALMA.²²⁴

Acompanhando a evolução da matéria Tarrozo também pensa que a *alma* não se mantém estática, vai-se modificando ao longo do tempo numa espécie de aperfeiçoamento pela experiência do quotidiano. Mas desta asserção que claramente contraria a sua imutabilidade não se pode deduzir que não seja eterna, que não anime o corpo, a vida e tudo o resto:

A alma é a Substância-Primitiva tornada ao seu estado por uma dissolução regressiva e conhecemos o seu destino que é identificar-se com essa Substância-Primitiva, possuindo também o conhecimento que essa substância-alma que se produz é imortal, eterna [...] pela morte, pela dissolução dos preátomos que ela constituía entra na eternidade, na imortalidade serena e feliz.²²⁵

²²³ *Ibidem*, p. 68.

²²⁴ *Ibidem*, p. 37.

²²⁵ *Ibidem*.

A alma, aqui, não se distingue do espírito e cessa definitivamente a sua tarefa quando pela morte abandona a matéria e se retira para a eternidade onde repousará para todo o sempre. Não é claro se Tarrozo considera que a alma abandona a matéria porque esta perece no desenrolar do natural progresso existencial, ou se pelo contrário essa extinção se deve ao facto de a alma voluntariamente decidir abandonar a matéria:

A *Existência*, a matéria constituindo o vácuo, a Substância primitiva, elétrica ou substância-pensamento – o que para nós é a mesma coisa, – é também para nós precisamente aquilo a que costuma chamar-se o *princípio e origem de todas as coisas, – o tudo uno, – a força universal, – a alma do mundo, – a inteligência infinita, – o ente supremo*, ou em suma – DEUS.²²⁶

Tarrozo considera que no estado originário há como que uma trindade, três conceitos equivalentes: alma, pensamento e Deus. De todas as conjunturas só lhe interessa contrariar que o seu sistema não resvala para o panteísmo e que ele mesmo não se identifica com essa forma de pensar, uma vez que os panteístas consideram que Deus e mundo são a mesma coisa, ele julga poder distinguir a matéria da Substância Pensamento, ou seja, de *Deus*:

As nossas ideias sem dogmas preconcebidos, nunca serão aquilo que as coisas natural e conseqüentemente as levarem a ser [...]. A Substância-Pensamento ou Elétrica, isto é, a Existência eterna, não está sujeita ao tempo, nem ao espaço nem a causa primeira alguma porque foi ela que, fazendo surgir a matéria, criou o tempo, o espaço e se tornou a primeira causa de tudo.²²⁷

O problema não reside em saber se a matéria se identifica ou não com a substância primeira, mas sim no conhecimento da razão pela qual ela não seria possível sem esta a ter originado:

A Substância, a Existência, ou seja Deus era em si *una*, toda a mesma, homogénea, sem partes distintas [...] nem a si própria poderia conceber-se senão como um tudo, um *tudo-uno* indivisível, e assim, a ideia do espaço devia ser-lhe completamente estranha, ignorada antes da criação ou condensação da matéria.²²⁸

Desta forma, Tarrozo recusa que a *criação* tenha sido obra pensada, refletida, consciente ou necessária, apresentando-a como resultado de um impulso

²²⁶ *Ibidem.*

²²⁷ *Ibidem*, p. 38.

²²⁸ *Ibidem*, p. 41.

ou aspiração inconsciente ou indefinida. A Substância-Pensamento estava em repouso, sem atividade, porque nada existia ainda e quando a criação se processou, surgiu ao mesmo tempo a interdependência entre criatura e criador:

Deus antes da criação era o Pensamento em potência, o Pensamento sem pensar, por lhe ser isso impossível visto que não tinha de quê nem em quê. O homem pode compulsar um pouco o interior da sua alma, mas sempre consultando-a, estudando-a relativamente e por relação ao mundo exterior.²²⁹

No estado anterior à criação:

tudo era Substância-Pensamento em repouso, pura, indistinta, só ela sem ter nada que se distinguisse e provocasse assim a sua actividade dormente, sem ter nada que a forçasse a exercer-se, a pensar, passado de um estado eterno de *em potência* a um estado temporário de *em acto*.²³⁰

Mas se o panteísmo é por si recusado, também se quis livrar do antropomorfismo. Para si a matéria nem é Deus nem está impregnada de qualidades humanas, ela é algo diverso e ainda que sem se perceber como, já existia como tal no momento da criação pois para que a Substância-Pensamento pudesse *pensar* tinha de ter *em quê e de quê*. Antes da criação apenas a existência era real, confundida num Ser que tudo continha. Os conceitos de espaço e de tempo são originados no momento da fragmentação e são eles que permitem a compreensão do diverso. Originalmente, nada estaria para vir porque tudo permanecia num eterno presente:

a força que originou a passagem do *eterno* ao *não eterno*, do *não criado* ao *criado*, é a Causa Primeira [...]. Anteriormente à criação que fez surgir a matéria condensada, o *espaço*, o *tempo*, o *movimento*, etc, não houve, não podia haver, nenhuma *acção*, nenhuma *causa* [...]. Só a Substância-Força podia existir.²³¹

O seu argumentário é deficiente na separação original a que pretende proceder entre o criador, Deus e a restante criação tanto mais que continua convencido de que a Existência é a causa primeira e esta, criou tudo o resto quando originou os préátomos e destes surgiram os átomos, pois como postulam os materialistas os átomos não se podem conceber sem o tempo e, portanto, um tempo eterno não é concebível: os átomos só são concebíveis

²²⁹ *Ibidem*, p. 45.

²³⁰ *Ibidem*.

²³¹ *Ibidem*, p. 47.

no tempo que tem implícito a duração e esta é inconcebível em qualquer momento antes da criação. Contudo, Tarrozo nunca explica como se deu a cisão involuntária do Criador:

Desta aspiração da Existência, surgida na eterna noite do seu ser, desta dúbia e confusa aspiração a distinguir-se, a separar-se de si própria, a reagir sobre si mesma, a viver e ascender por si e de si, é que devia ter surgido a separação, condensação ou criação dos preátomos.²³²

Para relevar a certeza da existência dessa Substância de onde tudo o resto proveio, atribuindo uma natureza agônica à realidade, depois de compulsar forças, transformar e agregar matéria, sem deixar de reconhecer o enorme progresso conseguido e pressentir aquele que há-de vir, regista: «Marchemos, marchemos sempre [...] até às serenas e mortas negruras desertas da eterna noite da não existência das coisas, equivalente ao – NADA»²³³.

Na realidade, o panteísmo, quer goste ou não do termo, é omnipresente no seu pensamento, como se constata no ano de 1897 no poema que escreve às novas gerações:

De noite, a construir prisões, mina o terreno
o velho jesuitismo, a escola dos ateus.
Para conter o Imenso um templo é tão pequeno!
Em toda a natureza é onde existe Deus.²³⁴

Desta forma, a criação necessariamente é sustentada nessa substância original que designa por Deus. Por um motivo indefinido deu-se a fragmentação de que tudo deveio e o plural tenderá, a partir daí, a voltar à unidade de que se encontra afastado, mas que não lhe é estranha. Este regresso, contudo, nada tem que o identifique a qualquer tipo de redenção. Na demanda por Deus, Tarrozo não se preocupa com a providência divina e mesmo que a criação seja uma espécie de emanção (da energia) da substância primeira, não há nem degradação nem queda, mesmo que o mal seja negativa e demoradamente refletido. No seu pensamento a onnipotência divina não tem lugar e portanto a liberdade humana é total. Tudo é energia em plena atividade e toda a existência resulta desse fluxo.

Passado mais de um século após a publicação das suas ideias sobre religião, encontram-se afinidades ao seu pensamento naquilo que hoje se designa de nova espiritualidade afastada do dogma religioso, que desloca o centro da discussão da ciência para a consciência. Já na entrada do último quartel

²³² *Ibidem*, p. 48.

²³³ *Ibidem*, p. 113.

²³⁴ *Idem*, *À geração nova...*, p. 11.

entível em qualquer
mística como se deu a

uma noite do seu ser,
se a separar-se de si
ender por si e de si,
ação ou criação dos

onde tudo o resto
depois de compulsar
reconhecer o enorme
registra: «Marchemos,
desertas da eterna
ADA»²⁵³.

mo, é omnipresente
no poema que escreve

queno!

nessa substância ori-
deu-se a fragmenta-
a voltar à unidade de
este regresso, contudo,
ção. Na demanda por
e mesmo que a cria-
stância primeira, não
negativa e demorada-
divina não tem lugar
em plena atividade e

s ideias sobre religião,
que hoje se designa de
e desloca o centro da
da do último quartel

do século XX o físico teórico Fritjof Capra (1939-) em *O Tao da física*²⁵⁵ (1975) procurava um ponto comum entre a física moderna e o pensamento filosófico e religioso quer o clássico de matriz ocidental, quer a meditação mística e religiosa do oriente e hinduísmo. Parece-me que uma parte das especulações teóricas de Tarrozo quanto à origem do mundo e seu desenvolvimento, à imanência e à transcendência, têm aqui uma explicação lúcida pela consideração conjunta dos dados da ciência que hoje são mais concretos, nomeadamente no que diz respeito à energia e às especulações religiosas que sempre preocuparam aqueles que procuram explicações para a necessária interdependência de tudo o que existe e é.